



Prezados leitores, no dia 7 de dezembro, dia que recorda a consagração a Deus de Chiara Lubich, se abriu em Trento, com a inauguração de uma grande exposição, o centenário do nascimento de Chiara. Um amplo espaço a isto foi dado no último Collegamento CH, que aconselhamos ver a quem não teve ocasião de assisti-lo ao vivo (<http://collegamentoch.focolare.org>). E do evento falam dois artigos neste número de Mariápolis (pág. 11 - 13).

“Celebrar para encontrar”: o slogan do centenário quer evidenciar que o carisma de Chiara não é um fato histórico, mas está vivo e em ação em todos aqueles que se inspiram na espiritualidade da unidade. Testemunha disto é cada notícia

que publicamos nos nossos meios de comunicação, porque são uma realização, uma encarnação e uma atualização do Ideal de Chiara hoje: dos Bispos de diferentes Igrejas que se encontraram em Belfast (pág. 4) ao missionário na Amazônia (pág. 14); da iniciativa “Juntos pela Europa” (pág. 16) ao Instituto universitário Sophia (pág. 15).

Este slogan é também um convite, aliás, uma solicitação a todos nós, para que vivamos de maneira tal que quem quer que nos encontre possa encontrar Chiara hoje.

Joachim Schwind
Assessoria de Imprensa dos Focolares



Chiara Lubich: concluída a fase diocesana de beatificação

Concluiu-se domingo, 10 de novembro, a fase diocesana da Causa de canonização e beatificação de Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares. Mais de 500 pessoas lotaram a Catedral de Frascati (Roma), onde se realizou a última sessão do inquérito diocesano.

Entre os participantes, o cardeal Tarcisio Bertone, a presidente dos Focolares Maria Voce (Emmaus) e o copresidente Jesús Morán, alguns parentes de Chiara Lubich, dois representantes da Igreja Ortodoxa, vários prefeitos da região do Lácio, sacerdotes, leigos e religiosos e muitos amigos que conheceram Chiara e o carisma da unidade dos Focolares.

Diante do altar, a mesa com as 75 caixas contendo a documentação coletada e que será entregue à Congregação para as Causas dos Santos na Santa Sé, onde prosseguirá o estudo e a avaliação do que foi coletado.

A cerimônia foi presidida por Dom Raffaello Martinelli, bispo de Frascati, que resumiu esses anos de coleta de testemunhos e de material do seguinte modo: “A Santa Sé e o processo diocesano devem destacar o heroísmo das virtudes, não simplesmente a bondade de uma pessoa, mas o heroísmo. Foi o que pedi desde o início, inclusive nos testemunhos. Devemos demonstrar como Chiara viveu as virtudes cristãs de modo heroico, ou seja, as virtudes Teológicas (fé, esperança, caridade), Cardeais (prudência, justiça, fortaleza, temperança) e toda uma série de virtudes derivadas”.

Em seu relatório, o Delegado Episcopal Mons. Angelo Amati evidenciou que foram ouvidas 166 testemunhas também em várias viagens, como por exemplo, às dioceses de Roma, Albano e Fiesole (Itália), Lausanne-Genebra-Friburgo (Suíça), Augsburg-Ottmaring e Bamberg-Nuremberg (Alemanha), Westmins-

ter (Inglaterra), Gand e Bruxelas (Bélgica) e duas cartas rogatórias: à Bangcoc (Tailândia) e Liubliana (Eslovênia). “O inquérito verificou a vida, as virtudes, o carisma e a espiritualidade específica de Chiara, - ressaltou Amati -, unidos às temáticas teológicas apresentadas, tais como: a Unidade, Jesus abandonado e Jesus no meio, sobre a fundação da Obra de Maria (Movimento dos Focolares) e os contatos interconfessionais e inter-religiosos. Total de páginas coletadas: 35.057 em 102 volumes”, que contêm vários tipos de material (testemunhos, cartas, documentos publicados e não publicados, escritos, diários, etc ...).

A seguir, a declaração do Promotor de Justiça Sac. Joselito Loteria - que juntamente com o notário Adv. Patrizia Sabatini e o Delegado Episcopal formam o tribunal diocesano instituído para a Causa de Chiara Lubich -, depois, o bispo Martinelli leu o decreto de conclusão da fase diocesana e nomeou “Portitore” o Dr. Daniel Tamborini, que terá a tarefa de entregar a documentação à Santa Sé.

Em seguida, os juramentos do Portitore, do bispo Martinelli e de todos os membros do tribunal diocesano e da Postulação - Postulator Sac. Silvestre Marques, Vice-Postulador, Dra. Giuseppina Manici, Vice-Postulador, Dr. Waldery Hilgeman, e a assinatura do verbal da sessão de encerramento.

O momento central foi o fechamento e a colocação do selo nas últimas 3 das 75 caixas contendo as 35.000 páginas.

“O nosso único desejo agora é oferecer à Igreja, através desta ampla documentação, o dom que Chiara foi para nós e para muitíssimas pessoas - afirmou Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares, na sua saudação na Catedral -. Acolhendo, dia após dia, de

modo coerente, o carisma que Deus lhe deu, caminhando e tendendo para a plenitude da vida cristã e a perfeição da caridade, Chiara se prodigalizou para que esse caminho de vida evangélica fosse percorrido por muitas pessoas, com a renovada determinação de ajudar todos os que encontrava a colocar Deus em primeiro lugar e a “santificarem-se juntos”. O seu olhar e o seu coração, como agora demonstrado, eram movidos por um amor universal, capaz de abraçar todos os homens para além das diferenças, sempre propensa em realizar o testamento de Jesus: Ut omnes unum sint. É motivo de alegria para todos saber que, agora, a Igreja vai estudar e analisar a vida e as virtudes da serva de Deus, a nossa amadíssima Chiara”.

O processo diocesano

A data 7 de dezembro de 2013 marca o início da fase diocesana da Causa de canonização e beatificação de Chiara Lubich - pouco mais de cinco anos após sua morte em 14 de março de 2008 - quando foi assinada

em Castel Gandolfo a petição oficial para o início da Causa. As primeiras a serem ouvidas foram as testemunhas oculares que a conheceram desde os primeiros tempos da fundação do Movimento dos Focolares.

Posteriormente, Dom Raffaello Martinelli consultou a Conferência Episcopal da região do Lácio sobre a oportunidade de iniciar a Causa, obtendo um parecer positivo. O bispo constituiu, assim, uma comissão de 3 especialistas em matéria histórica e arquivística que tinha a tarefa de reunir todo o material não publicado relativo a Chiara. Martinelli nomeou depois três Teólogos que examinaram os escritos publicados. Em 29 de junho de 2014, a Santa Sé concedeu o seu Nulla Osta à abertura oficial da Causa. Em 27 de janeiro de 2015, na Catedral de Frascati, realizou-se a cerimônia de abertura da fase diocesana, concluída em 10 de novembro de 2019. ■

Lorenzo Russo



As 75 caixas



Assinatura da ata do cartório, Patrizia Sabatini, advogada



Fechamento das caixas



As últimas 3 das 75 caixas foram seladas

Na Irlanda do Norte 30 bispos de diferentes Igrejas

“Em um mundo dividido, unidos em Cristo” é o título do encontro anual realizado de 21 a 25 de outubro passados, que há trinta e oito anos reúne bispos de várias Igrejas. Um encontro ecumênico marcado que muitos definiram histórico para a terra da Irlanda.

“É realmente profético que Belfast tenha hospedado este evento ecumênico internacional com reflexões de grande esperança, embora no meio de tanta divisão. O Espírito Santo sopra!”. É Darren O’Reilly, responsável da comunidade Koinonia que tem sede em Belfast, o autor deste tweet que sintetiza bem o coração – mas também a excepcionalidade – de tudo que aconteceu de 21 a 25 de outubro passados na Irlanda do Norte, por ocasião do trigésimo oitavo encontro marcado dos bispos de diferentes Igrejas amigos dos Focolares. O foco desta edição foi a partilha de reflexões e testemunhos sobre o desafio da unidade em Cristo, em um mundo dividido como o atual.

Estes encontros, promovidos pelos Focolares, oferecem aos bispos um espaço de diálogo e de partilha em torno da espiritualidade da unidade. Para esta edição, os 30 bispos pertencentes a 18 Igrejas, que chegaram de 14 países, se encontraram nas cidades de Larne e Belfast, escolhendo como todos os anos, para o seu simpósio anual, um lugar símbolo. Este ano, um lugar onde os bispos puderam constatar o “peace process”, isto é, o esforço para a reconciliação numa sociedade dividida.

Os participantes puderam conhecer a história e a atual caminhada ecumênica da Irlanda ficando muito admirados por relações construtivas e com notáveis frutos. O bispo anglicano Trevor Williams da Igreja da Irlanda, que ofereceu um apreciado discurso sobre a história do cristianismo na Irlanda, comentou: “Foi encorajador sentir a preocupação dos bispos pelos nossos ‘negócios ainda não completos’ de construção da paz e a alegria deles por assistir a muitas atividades empreendidas por

cristãos de diferentes tradições para sanar a divergência”. Também o bispo do lugar Noel Treanor de Down e Connor, deu uma importante contribuição para traçar o panorama eclesial, social e político.

Em Belfast, os bispos visitaram lugares significativos para a reconciliação e a paz como o Centro metodista em Belfast Oriental onde foram acolhidos pelo pastor Brian Anderson que é também o Presidente do Conselho das Igrejas da Irlanda, e participaram dos serviços litúrgicos nas igrejas presbiteriana, anglicana e católica. E na Igreja católica de São Patrício, diante dos fiéis, os bispos deram testemunho de como vivem o “Mandamento novo” de Jesus, renovando um “pacto”, um solene compromisso de amar a Igreja dos outros como a própria. Este pacto é, cada vez, um dos momentos mais altos destes encontros marcados.

Mas será a tarde aberta do dia 23 de outubro na sessão realizada em Larne que permaneceu no coração de muitos: um momento definido “histórico”. Uma tarde que o bispo católico de Limerick, Brendan Leahy, descreveu assim: “Foi como a experiência dos discípulos na estrada de Emaús que viram os seus corações arder enquanto Jesus entre eles explicava e falava com eles”. Participaram mais de uma centena de pessoas de toda a Irlanda, de muitas Igrejas (Apostólica Armênia, a Igreja da Irlanda (anglicana), Ortodoxa (Patriarcado de Antioquia), Presbiteriana, Católica, Metodista, Moraviana, Luterana e Siro Ortodoxa). Presentes o Presidente da Igreja metodista na Irlanda e o representante do Moderador da Igreja Presbiteriana na Irlanda, representantes do Conselho irlandês das Igrejas, do Comitê das Igrejas na Irlanda, do Conselho das Igrejas de Dublin, além de diversos movimentos e grupos.

Este encontro marcado com a participação de Bispos de várias Igrejas pôs em luz os frutos do “diálogo da vida”





que Chiara Lubich sempre encorajou a viver: um diálogo feito pelo povo que inclui também os seus pastores; um povo unido em Cristo pelo amor vivido por todos. Um exemplo foi o testemunho de verdadeira amizade em Cristo e de colaboração dos dois Arcebispos de Armagh, Eamon Martin, católico e Richard Clarke, anglicano, ambos primazes de toda a Irlanda.

Um “diálogo da vida” que, na Irlanda, se concretiza também no compromisso pelos desafios e pelas feridas sociais e civis, como a adesão à “Embrace Northern Ireland” que se ocupa de acolhida aos refugiados; a organização do “Four Corners Festival” (“O Festival dos 4 cantos”) que apoia o encontro e a amizade para além das barreiras geográficas e sectárias ainda presentes em Belfast; a participação dos encontros do Conselho das Igrejas de Dublin com o qual colaboram 14 Igrejas. O pastor Ken Newell, que foi moderador da Igreja presbiteriana na Irlanda, descreveu o evento como um “novo Pentecostes, no qual os cristãos de diferentes Igrejas de todo o mundo estavam unidos no Espírito, onde se sentia a unidade da Igreja para o bem-estar do mundo”. ■

Stefania Tanesini

Evangelho vivido

“Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm. 12,15)

No cruzeiro

Não lembro da minha mãe sadia, mas sempre sofrendo, e nas últimas décadas sempre acamada. Meu pai, ainda que tivesse uma carreira brilhante, cheia de sucessos, passava o tempo ao lado dela, não deixando faltar nenhuma assistência e cuidados.

Um dia, convidado para um cruzeiro, aceitei, amontoando mil desculpas para pensar que o merecia. Durante a viagem, enquanto um colega me contava sobre a sua família, me dei conta que eu tinha pouco a dizer sobre a minha, ao contrário, sentia vergonha de uma situação de sofrimento sem solução. Quando ele me perguntou sobre os meus pais e contei como meu pai sempre havia se dedicado à mamãe, senti orgulho de um pai assim e entendi o próprio valor do sofrimento. De volta à casa pedi perdão aos meus, não tanto pelas férias que tinha feito, mas porque não havia sabido intuir se eles precisavam de mim. Com aquele “cruzeiro” a minha vida mudou. Os últimos dias de minha mãe foram um dom, para toda a família.

S. S. – Espanha

Pedir desculpas

Uma manhã, na cozinha, minha esposa e eu estávamos agitados por problemas não resolvidos, tudo nos parecia escuro e destinado a desencadear entre nós,

como já havia acontecido outras vezes, uma briga furiosa. Parei um instante: todas as promessas de recomeçar, feitas diante de Deus, eram válidas ou tinham virado fumaça? Aproximei-me da minha esposa, e mesmo se isso custava, pedi-lhe desculpas. Ela reagiu imediatamente dizendo que a culpa era toda sua... Quando as crianças chegaram, encontraram não apenas o café da manhã pronto mas pais que cresciam junto com eles, desejosos de transmitir aos filhos a chave correta para viver bem a vida.

R. H. – Eslováquia

Aos cuidados de Stefania Tanesini

(retirado de “Il Vangelo del Giorno”, Città Nuova, anno V, n.6, novembre-dicembre 2019)



Reescrever a história de Chiara

Do discurso de Andrea Riccardi, fundador da Comunidade de Sant'Egídio e amigo pessoal de Chiara, na coletiva de imprensa do último dia 18 de novembro.

A poucos dias da abertura oficial do centenário de Chiara Lubich, no próximo dia 07 de dezembro, trazemos uma grande parte da fala de Andrea Riccardi, fundador da Comunidade de Sant'Egídio e amigo pessoal de Chiara, na coletiva de imprensa do último dia 18 de novembro. Amigo pessoal de Chiara, colaborador na construção do caminho de unidade dos movimentos na Igreja, oferece uma reflexão sobre a humanidade e a história de sua figura, e ainda há muito a ser descoberto.



O tempo, às vezes, reduz as grandes figuras a “santinhos”, faz com que sejam esquecidas. Chiara tinha um coração cheio de Santidade, mas não era uma santinha, era uma mulher de verdade, uma mulher “ativa”, uma trentina que se abriu ao mundo. Partiu de Trento para o mundo inteiro; essa é a história de Chiara: de Trento, a Roma, ao mundo. E é verdade o que se diz: se for a muitas partes do mundo, desconhecidas, inclusive da África, encontrará não só filhos de Chiara, mas sentirá a passagem dela e de seu pensamento.

Passaram-se cem anos de seu nascimento. Cem anos são muitos. Chiara nasceu em 1920, o mesmo ano do nascimento de João Paulo II, que sempre que a via a chamava: “minha contemporânea”. Ambos foram atingidos pelo drama da Segunda Guerra Mundial. Em Trento, Chiara o sentiu fortemente e fez amadurecer o seu Carisma, se posso dizer assim, no coração da segunda guerra mundial, em um mundo profundamente dividido e dilacerado pela dor da guerra.

Acho que Chiara é uma figura importante também fora da Igreja, porque não era uma figura somente

dentro da Igreja, mesmo que tenha suas raízes nela, em unidade com ela, sempre se estendia ao mundo.

Chiara é um personagem histórico. Na história do cristianismo dos anos noventa, feita em grande parte por homens que deixaram para as mulheres ângulos de mística ou experiências de caridade, Chiara foi uma mulher que fez a história em todos os aspectos: mística, caridade, mas também política, mudança de vida, paixão. Foi assim que a conheci.

Tinha uma grande capacidade de relacionamento pessoal, de amizade: tinha o carisma da amizade, ninguém era igual ao outro. Era uma mulher que encontrava milhares de pessoas, e mesmo assim, para ela, ninguém era igual a ninguém.

Também tinha uma grande capacidade: aquela de comunicar uma paixão. Era uma mulher apaixonada, apaixonada pela unidade do mundo. A unidade é o código pelo qual se entende sua existência e sua busca pela paz, que é também ecumenismo. Vivia uma profunda sensibilidade ecumênica – mais do que muitos especialistas em ecumenismo – e queria lembrar, sobre isso – seu relacionamento com o Patriarca Ate-nágoras, sobre quem também escrevi em um volume. Além disso, há uma carta que publiquei na qual se afirma “sobre a senhorita Chiara Lubich se diz que, sendo uma mulher e não sendo teóloga, inspira-se facilmente...”, mas hoje gostaria de dizer que, justamente por não ser teóloga e ser mulher, Chiara tinha entendido mais técnicas do ecumenismo.

Unidade também é hoje diálogo para atingir a paz. Chiara escreve: “os filhos de Deus, os filhos do amor, combatem com uma arma que é a própria vida do homem”. Ou seja, a vida como dom e, por meio do dom da vida, se luta para mudar o mundo e os outros e realizar esse ideal. E para mim esse parece ser um ponto fundamental sobre o qual refletir.

Maria Voce acenou ao fato de que estamos em um tempo de divisão. Acrescentarei que estamos também em um tempo de pequenas paixões. Chiara pode ser inclusive muito impopular hoje, justamente porque acreditamos nas divisões e vivemos de pequenas paixões. Mas acredito que esse ano que vocês dedicam, que nós dedicamos, a recordar e fazer reviver e encontrar Chiara Lubich é também um ano que coloca em discussão as modestas paixões e a resignação a um mundo dividido. Chiara escreveu: “Esperemos que o

Senhor componha uma nova ordem no mundo. Ele, o único capaz de fazer da humanidade uma família, de cultivar aquelas diferenças entre os povos porque no esplendor de cada um ao serviço do outro brilha a única luz de vida que embelezando a pátria terrena faz dessa uma antecâmara da pátria eterna”.

Acho que celebrar esse centenário é um serviço à humanidade e também ao pensamento um pouco seco do nosso tempo. Seu contemporâneo Wojtyła escreveu: “O mundo sofre, sobretudo por falta de visão”. Acredito que esse nosso mundo pode reflorescer para uma visão que é aquela de Chiara Lubich.

Só uma advertência: quando usamos a palavra celebração, devemos ficar atentos. Justamente Maria

prefere falar de encontro. É um encontro que exige empenho e esse encontro, cara Maria, deve também ser história. Temos de ter a coragem de reescrever a história de Chiara Lubich no seu tempo, para entender melhor como sua ação mudou a história. Penso, por exemplo, na aventura de mandar os focolarinos ao leste europeu e como contribuiu para a queda do muro. Chiara não escolheu se refugiar no ocidente, aceitando o muro. Portanto, tenho certeza de que esse ano, que começa hoje, fará crescer a figura de Chiara em um novo encontro com o nosso tempo e não a diminuirá. ■

Uma nova biografia de Chiara Lubich

Editado pela editora Città Nuova, o título Chiara Lubich. La via dell'unità tra storia e profezia (Chiara Lubich. O caminho da unidade entre história e profecia, em tradução livre) será apresentado – por enquanto em italiano – em antemão no dia 30 de novembro, próximo a Roma, no auditório da Policlínica Gemelli.

O título é Chiara Lubich. La via dell'unità tra storia e profezia (Chiara Lubich. O caminho da unidade entre história e profecia, em tradução livre) e o autor é o historiador italiano Maurizio Gentilini. Trata-se da última biografia escrita sobre a fundadora do Movimento dos Focolares às vésperas dos cem anos de seu nascimento. Estão previstas traduções em inglês, espanhol e coreano. Para quem mora em Roma ou próximo à cidade, será possível encontrar o autor no próximo dia 30 de novembro, no auditório da policlínica Gemelli, às 16h30. Trata-se de uma publicação em que a editora Città Nuova começou a trabalhar para esse centenário, que começa no próximo dia 07 de dezembro, data simbólica porque foi quando, em 1943, Chiara se consagrou a Deus, dando, assim, início à aventura do Movimento dos Focolares.

O volume representa uma tentativa de leitura do percurso biográfico da fundadora do Movimento dos Focolares, a cem anos de seu nascimento e a doze de seu falecimento. Nasce como uma tentativa e uma divulgação, mas também pretende favorecer o aprofundamento dos aspectos singulares e grandes temáticas ligadas à figura de Chiara e do Movimento dos Focolares (os leigos na Igreja, o Vaticano II, a mundialida-



de, o ecumenismo, a paz...). Quer oferecer uma leitura do personagem no contexto histórico que atravessou durante sua longa e complexa existência, contribuindo para enriquecer uma oferta editorial já ampla, mas talvez um pouco carente de contribuições compostas por essas características.

O autor, que ama se definir como um “simples batizado”, procura ler os acontecimentos que tenta narrar referindo-se constantemente a fontes, com aplicação do método histórico-crítico e com a própria sensibilidade de um crente, e também com a chave hermenêutica que encontra a sua síntese na relação entre espiritualidade e ação, entre história e profecia. ■

Stefania Tanesini

As migrações vistas da margem sul do Mediterrâneo

Que visão se tem, a partir do Norte da África, do fenômeno migratório em direção à Europa? De que modo é possível pôr o homem no centro, passando assim de uma visão puramente econômica à humana das migrações? Entrevista com Pasquale Ferrara, embaixador italiano em Argel.

Segundo a UNHCR (Comissão das Nações Unidas para os Refugiados), de 1º de janeiro a 21 de outubro de 2019, desembarcaram pelo mar nas costas Europeias da Itália, Malta, Chipre, Espanha e Grécia 75.522 migrantes. A estes se acrescentam os 16.322 que chegaram por terra na Grécia e Espanha num total de 91.844 pessoas, das quais 9.270 na Itália, 2.738 em Malta, 1.183 em Chipre, 25.191 na Espanha, 53.462 na Grécia. Dados que seguem uma tendência em queda e arquivam a fase de emergência, mas não bastam à Europa para encaminhar um diálogo alargado e construtivo sobre o tema: a perspectiva da criação de um sistema europeu de gestão dos fluxos permanece assaz remota, e em geral o confronto em nível institucional não leva em consideração a perspectiva dos países africanos. Em Argel nos encontramos com o Embaixador italiano, Pasquale Ferrara:

Embaixador, que visão se tem, a partir do Norte da África, do fenômeno das migrações em direção à Europa?

Visto da África, se trata de um fenômeno histórico e estrutural, sobretudo infra-africano, porque a enorme maioria dos movimentos de migrantes e refugiados acontece entre países africanos: mais de 20 milhões de pessoas vivem em um país diferente daquele de origem. Outra coisa é a migração em direção à Europa, que teme um afluxo incontrolado. Aqui o quadro, dentro do qual ler o fenômeno, é só parcialmente aquele do diferencial de desenvolvimento. Na Europa frequentemente se faz a distinção entre refugiados políticos e migrantes econômicos. Mas com frequência os migrantes econômicos africanos são o resultado de uma péssima gestão política dos estados, porque há um problema de governança, de apropriação dos recursos por parte de oligarquias, de inclusão social. Portanto, de algum modo, também

eles podem ser qualificados como refugiados políticos. Para além das migrações irregulares, no que se refere à África do norte, seria preciso restabelecer no Mediterrâneo aquela mobilidade circular das populações que na história sempre se observou. Significa, por exemplo, a possibilidade de ir à Europa para um período de estudo ou trabalho, para depois voltar ao país de origem. No momento, estes deslocamentos estão subordinados à concessão do visto, que, porém, é muito difícil obter por causa dos muitos e necessários controles. Para muitos representa um drama, por isso a tentação de quem recebe o visto, mesmo se se trata de pessoas com boas intenções, é muitas vezes a de não voltar ao país de origem. O visto deve ser mantido, mas, na ótica de favorecer a mobilidade circular, é necessário pensar em um sistema mais estruturado. Depois, existe um outro fator que dá impulso à migração, e é a diferença na qualidade dos serviços que uma sociedade oferece: os de saúde e os previdenciários em geral, cuja escassa disponibilidade e qualidade influi, também ela, junto a outros fatores como a violência endêmica, sobre a sensação de segurança, ou aqueles escolares pelos quais também quem não está em uma situação de miséria absoluta tenta aportar na Europa para dar uma educação melhor aos filhos. Portanto, deveríamos investir mais na formação das classes dirigentes, dos profissionais, dos educadores. Em Argel, embora com números reduzidos, estamos procurando fazer isso, aumentando as bolsas de estudo para os jovens argelinos que vão à Itália para estudar música, arte, restauração, como investimento para o futuro profissional deles.

Há uma responsabilidade do Ocidente no empobrecimento dos Países africanos?

“Eu seria muito prudente. Esta é uma narração que é conveniente para certas oligarquias afro-africanas para descarregar as próprias responsabilidades inclusive em relação a uma governança que é dúbia na sua legitimação e nos seus resultados. O período colonial marcou muito a África e se verificam as responsabilidades passadas do Ocidente, mas desde a descolonização se



passaram pelo menos 50 anos e é difícil imputar ao Ocidente as problemáticas das sociedades africanas de hoje. A qualidade da governança tem um grande peso. Além do mais, hoje na África há uma presença forte da China com programas ligados aos recursos naturais e minerais em quase todos os países. A China considera a África um grande mercado, mas o intercâmbio é assimétrico a favor de Pequim. Todavia, para compensar este desequilíbrio, a China realiza, às próprias custas, obras de infraestrutura, estádios, teatros, centros culturais por bilhões de dólares.

Na gestão do fenômeno, a Europa dá passos incertos. Faltam políticas comunitárias e parece que o princípio de responsabilidade compartilhada não aqueça os corações na Europa...

A escolha da solidariedade não pode depender da boa vontade dos governos individualmente e da variação das orientações dos mesmos. A questão migratória deve se tornar uma competência exclusiva da União europeia enquanto tal, como acontece para as políticas comerciais para as quais os estados da UE deram a Bruxelas a responsabilidade exclusiva de negociar acordos com países extraeuropeus. Hoje, ao invés, por um lado, devido a uma questão de soberania nacional, os estados querem manter o controle sobre as migrações e sobre as fronteiras, e é compreensível. Por outro, acusam de inércia a Europa, à qual, porém, não dão as competências necessárias para operar eficazmente. Mas passar para esta dimensão decisiva me parece improvável agora, considerando a resistência que este tema encontra em relação às políticas internas.

Faz tempo que se diz que é necessário estruturar uma colaboração com os países do Norte da África, mas também com os de trânsito. Bons propósitos, mas poucos fatos concretos...

Para passar aos fatos concretos é preciso tomar consciência da realidade, do fato de que os países africanos, sobretudo os do Norte, que consideramos países de trânsito são, eles próprios, países de destino da emigração. O Egito acolhe mais de 200 mil refugiados no próprio território, enquanto que em toda a Europa, em 2018, chegaram pouco mais de 120 mil pessoas.

As poucas centenas de migrantes irregulares que chegam da Argélia são todos argelinos, não subsaarianos que transitam pela Argélia, porque frequentemente estes migrantes permanecem aqui. Além disso, estes países não aceitam programas que tendem a criar “hotspot” (centros de reunião) para os migrantes subsaarianos. Aqui não funciona o modelo da Turquia, à qual



a União Europeia deu 6 bilhões de euros para administrar campos onde acolher mais de 4 milhões de refugiados sírios e não só. Com a Turquia, a operação funcionou porque havia a guerra na Síria e pelos interesses estratégicos da Turquia. Na África, os fenômenos são muito diferentes. É preciso encontrar outros modos.

Quais poderiam ser as formas de colaboração?

Não servem colaborações assimétricas, mas parcerias de igual para igual. Devemos considerar que não somos somente nós, europeus, que temos o problema migratório e, portanto, é necessário respeitar estes países com as suas exigências internas, inclusive em termos de migração. Só depois se pode procurar juntos administrar o fenômeno. Por exemplo, já existem acordos de cooperação entre a Itália e a Argélia que remontam a 2000 e a 2009 e que funcionam bem.

O que preveem?

A gestão conjunta do fenômeno migratório em termos de luta contra a exploração e o tráfico de seres humanos, contra a criminalidade transnacional que utiliza o fenômeno para se financiar, contra o perigo de infiltrações terroristas. Existem também disposições para a repatriação concordada, ordenada e digna dos migrantes irregulares.

Fala-se do fato de que os países ocidentais devem sustentar aqueles africanos para criar condições de vida melhores tais que desencorajem as partidas. O quanto é viável esta estrada?

Nas condições atuais da economia e da cultura política internacional, vejo pouco viável e, tudo somado, pouco eficaz. Em primeiro lugar, já estamos falando de um bilhão de africanos: nenhum “plano Marshall” europeu ou mundial poderia enfrentar tais dimensões demográficas. Entre outras coisas, a África é muito diversificada, existem países em condições de desenvolvimento avançadas: Gana tem uma taxa de inovação tecnológica superior a vários países desenvolvidos; Angola é um país riquíssimo de recursos que está tentando reorganizar a sua ➡

estrutura econômica de modo mais participativo. Temos líderes, como o novo prêmio Nobel para a paz, o Primeiro Ministro da Etiópia, Abiy Ahmed Ali, que tem 42 anos e olha para as novas gerações. Já fez plantar 350 milhões de árvores em um programa de reflorestamento mundial chamado “Trillion Tree Campaign”. Uganda vive uma fase de forte desenvolvimento. O problema, antes, são as disparidades econômicas, dramáticas e injustas, e neste caso o Ocidente pode intervir ajudando a melhorar a governança destes países, para que seja mais inclusiva e participada. Mas lembremos de que são os mesmos problemas de polarização socioeconômica que temos na Europa: infelizmente, não podemos dar muitas lições neste campo.

Nas reflexões sobre o fenômeno migratório em nível institucional, em primeiro plano está a dimensão econômica, enquanto é transcurada a humana. O que significa pôr o homem no centro do problema migratório?

Por detrás de cada migrante existe uma história, uma família, um percurso acidentado, o esforço de conseguir o

dinheiro e, talvez, dívidas com organizações criminais. Certamente não podemos admitir a imigração irregular porque tudo deve se realizar no respeito às leis, mas dar valor à dimensão humana significa levar em consideração este passado e não ver nestas pessoas números que chegam a bordo de barcas ou por terra. Fiquei profundamente impressionado com a história daquele adolescente de 14 anos, proveniente do Mali, encontrado no fundo do mar com um boletim costurado dentro da jaqueta, com ótimas notas. Essa é uma história que nos deixa sem palavras. E por detrás há uma tragédia familiar, humana, um tecido social dilacerado. Aconselho o bom livro de Cristina Cattaneo, “Naufraghi senza volto. Dare un nome alle vittime del Mediterraneo [Náufragos sem rosto. Dar um nome às vítimas do Mediterrâneo]”. Porém, não esqueçamos também das histórias da nossa Marinha militar – em especial daquela da comandante Catia Pellegrino – que salvou milhares de náufragos. Pessoas, rostos, eventos reais. ■

Elaborado por Claudia Di Lorenzi

Evangelho vivido

“Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm. 12,15)

Presente atrai presente

Eu tinha dado a um morador de rua uma garrafa que enchia de água e levava sempre no carro comigo. Um dia, estando com sede, parei numa fonte, mas não era fácil beber, era preciso ter uma garrafa e eu havia dado a minha. Estava quase indo embora quando um velhinho que estava carregando seu carro com algumas garrafas perguntou se eu estava com sede. “Sim, mas, como vê, eu não tenho como pegar a água”. E assim, desejando-me felicidades, deu-me uma de suas garrafas que estava acabando de colocar no carro, e que agora me enche de otimismo, porque me recorda que presente atrai presente.

R. A. – Albânia

A força de uma amizade

Conversando um dia com uma amiga da paróquia, escutei dela que eu deveria dedicar-me mais à minha família. O que ela entendia disso se não era nem casada? De qualquer modo aquela frase me perturbou e não me deixou mais tranquila. Refleti sobre a relação que tinha com meus quatro filhos. Parecia-me tudo certo, mas... com M. algo não ia bem. Enquanto ele estava no quarto, escutando música, com uma desculpa qualquer fui até ele e pedi sua opinião sobre uma certa situação.



Depois de um pouco ele começou a chorar. Estranho para mim, que o conhecia como um rapaz forte e seguro. Logo em seguida apareceu o nó: tinha tido uma grande decepção com sua namorada e não tinha estado distante da ideia do suicídio. Fiquei petrificada. A amiga havia aberto os meus olhos. Esta “atenção” eu dirigi também aos outros filhos. Acreditava ser uma mãe perfeita, que garantia tudo, mas faltava alguma coisa: faltava um amor atual, disposto aos imprevistos.

F. G. – Filipinas

Aos cuidados de Stefania Tanesini

(retirado de “Il Vangelo del Giorno”, Città Nuova, anno V, n.6, novembre-dicembre 2019)



Centenário: inaugurada a exposição “Chiara Lubich Cidade Mundo”

Abertas em Trento as celebrações dos 100 anos do nascimento da fundadora dos Focolares. A Província autônoma de Trento atribuiu a Maria Voce o “Sinete de São Venceslau”

“Chiara Lubich, Cidade Mundo” é o título da exposição que, no dia 7 de dezembro, foi inaugurada nas “Galerias” de Trento, um evento que abriu o Centenário do nascimento da fundadora do Movimento dos Focolares. A exposição, sob o alto patrocínio do Presidente da República italiana, é promovida pela Fundação Museu Histórico do Trentino em colaboração com o Centro Chiara Lubich.

O Diretor da Fundação Museu Histórico, Giuseppe Ferrandi, introduziu e coordenou os discursos do evento inaugural, do qual emergiu a figura de Chiara Lubich, como personalidade de grande respiro, com profundas raízes em terra trentina, na sua história, cultura e tradições, mas que, através do seu carisma, soube falar uma linguagem universal; superou toda fronteira, geográfica e cultural, para levar uma mensagem de paz e fraternidade. A exposição oferece um percurso envolvente e interativo, que acompanha o visitante a conhecer Chiara Lubich, com o convite a se comprometer na atualidade para continuar a concretizar aqueles valores que caracterizaram a sua vida.

A Província autônoma de Trento quis condecorar Maria Voce, Presidente dos Focolares, com o “Sinete de São Venceslau” “por ter sabido interpretar – se lê na motivação – com empenho incansável os valores da unidade e da paz”. “Estou realmente agradecida e comovida por esta homenagem – disse Maria Voce – que, dado que evidencia os valores da personalidade de Chiara Lubich e dos Focolares, a sinto para todo o Movimento”.

“Duas são as palavras que me vêm em mente quando penso em Chiara Lubich: carisma e profecia”, disse

Giorgio Postal, Presidente da Fundação Museu Histórico do Trentino por ocasião da inauguração da exposição. “Interrogar-nos sobre Chiara Lubich e colocá-la na história se torna, portanto, um modo para enfrentar os desafios que estão diante de nós, como sociedade e como indivíduos”.

“Estamos orgulhosos por participar deste percurso – disse o Presidente da Província autônoma de Trento, Maurizio Fugatti – que nos permite conhecer e aprofundar a grande mensagem de Chiara Lubich, uma figura excepcional, uma mulher e uma trentina que conseguiu levar a sua extraordinária mensagem de paz e de unidade ao mundo inteiro”.

Dom Lauro Tisi, Arcebispo de Trento, convidou todos neste ano e, sobretudo o Movimento dos Focolares, a fazer com que “se conheça o Deus de Chiara para revirar a narração de Deus, este Deus da tutela irrevogável do outro”. “Desta visão de Deus amor – concluiu – nasce uma visão positiva sobre a criação, sobre a natureza, sobre o homem e sobre o corpo”. Um convite que foi logo acolhido com adesão pelo copresidente do Movimento dos Focolares, Jesús Morán, que recordou o lema do Centenário “Celebrar para encontrar” Chiara Lubich, uma mulher que “encarnou a unidade em 360° e nos deu o mapa de navegação do terceiro milênio”.

“Este Centenário será ocasião extraordinária para descobrir muitas Chiara”, disse o prefeito de Trento Alessandro Andreatta. “Aquele do encontro, do diálogo, da unidade. Mulher de fé, de serviço, de esperança, aquela que está no coração da Igreja e da humanidade”. E Lorenzo Dellai, ex Prefeito de Trento, que em 1995 atribuiu a Chiara Lubich o sinete da cidade, recordou como ela exortou os trentinos a estarem à altura da alma desta cidade. “Eu acho que deste carisma, desta profecia, hoje, haja cada vez mais necessidade”. ➡

O sen. Stanislao Di Piazza, subsecretário de Estado do Ministério do Trabalho e das Políticas sociais, trouxe a saudação do Governo italiano: “Chiara foi uma pessoa que amou particularmente a Itália”. Recordou como tinha encontrado políticos de todos os partidos para propagar o valor da fraternidade, a fim de que se pudesse “criar um novo modelo político”.

Além disso, trouxeram uma saudação aos presentes os representantes das exposições que se abrirão no mundo no decorrer do ano: em Nova York, Cidade do México, Sidney, Mumbai, São Paulo, Jerusalém, Argel e Nairóbi. Um projeto que obteve o Patrocínio do Conselho da Europa. As exposições reproduzirão aquela trentina, mas cada uma terá uma sua peculiaridade: daquela de São Paulo, onde será central o projeto por uma Economia de Comunhão lançado no Brasil por Chiara Lubich, àquela de Sidney, terra multicultural; daquela de Jerusalém, cidade que talvez mais do que qualquer outra necessita de paz e fraternidade, àquela na Índia representada pela mensagem da consulesa italiana em Mumbai Stefania Constanza.

Presentes à inauguração também Veronica Cimino, vice-prefeita interina de Rocca di Papa (Roma); Frances-

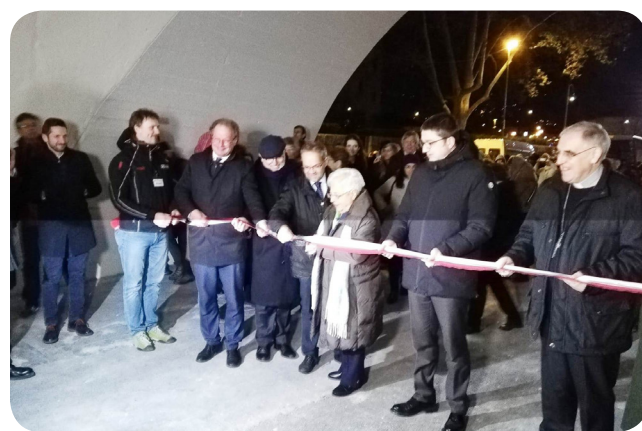
ca Franceschi, assessora do Município de Primiero San Martino de Castrozza; Alba Sgariglia e João Manoel Motta, corresponsáveis do Centro Chiara Lubich e os curadores da exposição Giuliano Ruzzier, Anna Maria Rossi e Maurizio Gentilini, autor, este último, da recente biografia da fundadora dos Focolares. Numerosos os parentes de Chiara Lubich presentes à inauguração. ■

Anna Lisa Innocenti

A exposição nas “Galerias” estará aberta até o dia 7 de dezembro de 2020 (de terça-feira a domingo, das 9h00 às 18h00) e a exposição pode ser desfrutada com suportes linguísticos nas principais línguas europeias. O ingresso é gratuito. Paralelamente às três seções da exposição montadas nas “Galerias” em Trento, há uma seção destacada que foi inaugurada no dia 8 de dezembro de 2019 às 17h00 nas salas do Palácio Scopoli, em Tondico, no Município de Primiero San Martino de Castrozza (Tn). Esta seção é dedicada especialmente aos anos 1949-1959: da profunda experiência espiritual vivida por Chiara Lubich em Primiero no verão de 1949 às Mariápolis de verão que ali se realizaram até 1959.



© CSC/Domenico Salmasso



© Ufficio Stampa Provincia Autonoma di Trento



© Ufficio Stampa Provincia Autonoma di Trento



© CSC/Domenico Salmasso



A história de uma década de luz

Inaugurada a exposição “Chiara Lubich Cidade Mundo” em Tonadico di Primiero, Itália

“Não se pode compreender Chiara sem situá-la no contexto em que viveu”. Com estas palavras, Jesús Morán, co-presidente do Movimento dos Focolares, concluiu o seu discurso na cerimônia de inauguração da exposição intitulada a Chiara Lubich aberta no Palácio Scopoli em Tonadico di Primiero, no último domingo, 8 de dezembro, um dia após a inauguração da exposição na cidade de Trento. “Chiara durante a guerra doou-se pela sua cidade, Trento, mas foi em Primiero, em 1949, que Deus deu-lhe a chave de compreensão daquilo que ela tinha sido chamada a realizar. Chiara encontrou aqui, entre as montanhas, a luz, mas é preciso ir a Trento e em cada cidade para entender quais são as consequências do seu carisma.” É esta a ligação entre as duas exposições, onde aquela de Tonadico não é um apêndice daquela de Trento, mas a história de uma década de luz.

A gratidão da comunidade do vale de Primiero foi expressa com ênfases diferentes pela assessora de cultura Francesca Franceschi (“Primiero representa a origem, o retiro onde Chiara encontrou respostas às suas perguntas”), pelo vice-prefeito Paolo Secco (“A nossa tarefa não é apenas manter viva a memória, mas ser uma comunidade que responde às inspirações ideais que moveram Chiara”), pelo presidente da Comunidade de Primiero, Roberto Pradel (“Chiara dedicou-se a construir relações entre as pessoas: que a semente por ela lançada traga frutos”).

Giuseppe Ferrandi, diretor da Fundação Museu histórico do Trentino, destacou o significado mais profundo das duas exposições: “Pela primeira vez a nossa Fundação realiza uma exposição dedicada a uma pessoa: fizemos isto porque Chiara é uma figura com a qual o Trentino, e não só, tem um débito. O Trenti-

no, que pode reivindicar o seu nascimento, deve descobrir a dimensão de forte ligação às tradições vivas em Chiara, fruto de relacionamentos, mas sem parar nelas para abrir-se ao mundo para que não sejam estéreis. Quem melhor do que Chiara Lubich pode-nos garantir esta capacidade de relações das quais hoje o mundo tanto precisa?”

Alba Sgariglia, corresponsável do Centro Chiara Lubich, exprimiu a gratidão de todo o Movimento à Fundação: “Trabalhamos com tantas pessoas para esta etapa histórica. Daqui, destas montanhas, Chiara projetou-se para a humanidade inteira: foi esta a missão que aqui ela compreendeu”.

Annamaria Rossi e Giuliano Ruzzier, curadores da mostra com Maurizio Gentilini, destacaram as suas características: grandes imagens, citações e breves legendas percorrem ao lado do Palácio Scopoli, precisamente diante da casa onde Chiara e algumas das suas primeiras companheiras foram descansar no verão de 1949. No andar térreo do edifício, que conserva destaques dos afrescos da capela de São Vittore, encontram-se alguns escritos e recordações daquele período e vídeos das primeiras Mariápolis, as férias de verão, que até 1959, de ano em ano, enriqueceram-se pela presença de pessoas de várias vocações, culturas e proveniências. Hoje, é significativo o testemunho das Mariápolis permanentes do Movimento no mundo, onde, como na experiência de Primiero, experimenta-se e testemunha-se uma unidade possível. ■

Paolo Crepaz



Na Amazônia, a minha bússola é o amor

Entrevista com frei Gino Alberati, missionário desde 1970 entre os povos da Amazônia.

Agora que os refletores da mídia sobre o pulmão verde da terra se apagaram, porque os incêndios foram controlados e o Sínodo da Amazônia da Igreja católica divulgou o documento final, nos parece importante continuar a dar voz a quem vive na Amazônia e contribui para o seu desenvolvimento todos os dias.

O risco de ver esse pedaço de terra como um cartão exótico, distante da vida das nossas metrópoles é muito forte. Trata-se de um dos maiores laboratórios multiculturais do planeta, um aspecto que seguramente faz menos barulho que a questão ambiental, mas cujo respeito e proteção são também centrais para a sobrevivência de sua população. Por isso, assumir o desafio cultural na Amazônia e apoiar a educação e a formação humana é de importância vital.

Também fazem parte da sua população várias comunidades do Movimento dos Foculares: famílias, adolescentes e religiosos como frei Gino, como é chamado por todos. Frei Gino Alberati é um missionário capuchinho italiano que mora e trabalha na Amazônia desde 1970, servindo dezenas de comunidades ao longo do rio Solimões, na fronteira brasileira com a Colômbia e o Peru. Viaja com um barco que lhe foi doado e é ele quem cuida de sua manutenção. O barco lhe permite celebrar missas e levar a palavra de Deus às comunidades deslocadas em um território muito vasto e também lhe dá a oportunidade de salvar vidas humanas porque o médico mais próximo geralmente fica a um dia de viagem.

Foi difícil entrar em contato com ele, mas conseguimos entrevista-lo por Whats App. Sobre a sua preparação para a missão, frei Gino conta que passou dias inteiros no hospital S. Giovanni em Roma. “Por nove

meses, eu entrava nos laboratórios de análise e nas salas operatórias; fazia isso para aprender alguma coisa de medicina, porque sabia que na missão à qual eu estava destinado não haveria nenhuma estrutura sanitária e teria de improvisar como médico. Eu tinha 29 anos quando cheguei na Amazônia e as distâncias ou meios de transportes precários que usava não me importavam”, explica frei Gino, “a minha bússola era o amor. Nesses anos, fiz realmente de tudo e agora sigo uma paróquia que cobre um território de 400 quilômetros, no Rio Amazonas e Rio Içá”.

Quando lhe perguntamos como as pessoas vivem, responde que o rio é a vida deles. “No rio, viajam e pescam; a água fertiliza as terras mais baixas. Atualmente, sigo 40 comunidades, além da paróquia da cidade de Santo Antônio do Içá. Também sou conselheiro municipal da saúde pública e levo à administração da cidade as necessidades sanitárias das comunidades que visito. Não vivemos de perto o drama dos incêndios porque nesta região estamos longe dos grandes interesses; isso, apesar da diminuição do território coberto pela floresta, está sob os olhares de todos. Também fazem parte da população índios da etnia Ticunas; são aproximadamente 45.000 e vivem da agricultura, caça e pesca. Trabalhamos muito para dar a eles uma formação humana, cultural e espiritual de base. Há pouco tempo, entregamos a 200 líderes de 24 comunidades a bíblia traduzida na língua Ticuna.”

Frei Gino insiste no papel fundamental dos índios para a conservação do planeta: “Com certeza, foram feitos muitos esforços para combater o risco de poluição, como o uso dos motores a hidrogênio nos meios de transporte, mas, apesar disso, os grandes do mundo veem só o ‘deus-dinheiro’ e querem pegar as terras dos nativos para extrair minerais e petróleo. O estilo de vida dos índios segue o ritmo da natureza; pegam

da terra só o essencial, trabalham em pequenos pedaços de terra e por isso não são necessários grandes desmatamentos”.

Quando lhe perguntamos qual era a coisa mais preciosa de que os homens e mulheres da Amazônia pre-

cisam, depois das necessidades materiais, responde que com certeza é o amor, “o amor recíproco que leva à fraternidade”, capaz de transformar pessoas e territórios em qualquer latitude. ■

Stefania Tanesini

A comunidade acadêmica de Sophia recebida em audiência pelo Papa

A exortação de Francisco ao instituto universitário: «Eu lhes deixo três palavras, os exortando a continuar com alegria, visão e decisão o caminho de vocês: sabedoria, pacto, saída».

«Estou contente com o caminho que vocês fizeram nestes doze anos de vida. Vão em frente! O caminho só começou», iniciou o Papa Francisco, saudando a comunidade acadêmica do Instituto Universitário Sophia, que recebeu hoje em audiência privada. «No percurso que está diante de vocês não lhes faltam os pontos de referência: em especial, a inspiração do carisma da unidade do qual nasceu a Universidade de vocês e ao mesmo tempo as linhas que tracei na Constituição apostólica *Veritatis gaudium*, na qual o projeto acadêmico e formativo de vocês quer se refletir. Também a participação de vocês na preparação e nos desenvolvimentos do Pacto Educativo Global vai nesta direção».

Da audiência, que se realizou no dia 14 de novembro passado na sala do Consistório, participaram o Cardeal Giuseppe Betori, Arcebispo Metropolitano de Florença e Grão Chanceler do Instituto, a doutora Emmaus Maria Voce, Vice Grã Chanceler do Instituto e Presidente do Movimento dos Focolares, toda a comunidade acadêmica do Instituto Universitário Sophia, uma representação do grupo de trabalho de “antropologia trinitária” do CELAM e os docentes da futura sede local de “Sophia” na América Latina e Caribe.

«Eu lhes deixo três palavras, os exortando a continuar com alegria, visão e decisão o caminho de vocês: sabedoria, pacto, saída» disse o Papa Francisco a eles.

A Sabedoria que, explicou o Santo Padre, ilumina “todos os homens”, com os quais “somos chamados a caminhar juntos”. O Pacto, porque “é o elemento determinante da criação e da história”, “o pacto entre Deus e os homens, o pacto entre as gerações, o pacto entre os povos e as culturas, o pacto – na escola – entre os docentes e os discentes e também os pais, o pacto en-

tre o homens, os animais, as plantas e até mesmo as realidades inanimadas que fazem bela e multicolorida a nossa casa comum”. O Papa Francisco exortou a comunidade acadêmica de Sophia a viver este pacto para “abrir as estradas do futuro a uma civilização nova que abrace na fraternidade universal a humanidade e o cosmo”. Enfim, “saída”: «Devemos aprender com o coração, com a mente, com as mãos a “sair do acampamento” – como diz a Carta aos Hebreus (13,13) – para encontrar, precisamente lá fora, o rosto de Deus no rosto de cada irmão e cada irmã».

No final da audiência, Piero Coda, Reitor do Instituto, comentou: «Somos gratos ao Papa Francisco que apreciou a participação de estudantes provenientes dos cinco continentes e também de diferentes tradições religiosas, e o nosso compromisso de não olhar do terraço, mas de pôr as “mãos na massa” para caminhar como protagonistas por estradas novas de fraternidade».

A audiência com o Papa Francisco chega apenas poucos dias após a cerimônia de inauguração do ano acadêmico de 2019/2020 (segunda-feira, 11 de novembro de 2019), com a outorga do doutorado h.c. em Cultura da Unidade ao filósofo e teólogo prof. Juan Carlos Scannone S.J., expoente da “teologia do povo” e professor do jovem seminarista Jorge Mario Bergoglio. ■

Tamara Pastorelli





20 anos de “Juntos pela Europa”

Um aniversário importante, festejado com um encontro na Mariápolis ecumênica de Ottmaring e marcado por uma cerimônia na prefeitura de Augsburg (Alemanha).

Mais de 300 membros da rede “Juntos pela Europa” (IpE, na sigla em italiano), de 55 Movimentos e novas comunidades de 25 países, reuniram-se de 7 a 9 de novembro na Mariápolis internacional dos Focolares de Ottmaring e na cidade de Augsburg (Alemanha). Um encontro que, este ano, recordou os 20 anos de nascimento de “Juntos pela Europa”. Era o dia 31 de outubro de 1999, por ocasião da solene assinatura da “Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação”, realizada na Igreja de Sant’Anna, em Augsburg, quando um grupo de responsáveis de vários grupos cristãos, de diversas igrejas, reuniu-se em Ottmaring, tomando consciência da responsabilidade comum por uma convivência ecumênica na Europa. Depois que os representantes da Federação Luterana Mundial e da Igreja Católica haviam selado, com um documento comum, que as condenações seculares não eram mais válidas, os representantes dos carismas de diferentes confissões decidiram conhecer-se melhor e trabalhar para conciliar as diferenças em suas Igrejas, na sociedade e na política. Com este compromisso iniciaram “Juntos pela Europa”. Uma pequena planta que hoje tornou-se uma iniciativa europeia, à qual uniram-se, com o passar dos anos, mais de 300 comunidades, movimentos e ministérios.

“Nunca como desta vez tantos países estiveram representados em nossos encontros anuais – constatou um

dos representantes do grupo dos amigos da rede “Juntos pela Europa” – e a 20 anos de seu nascimento surgiram muitos relacionamentos profundos, inclusive entre pessoas de nações diferentes. Os representantes das Igrejas, e também os políticos, apreciam a nossa contribuição”.

E isso é demonstrado inclusive pela grande estima que a iniciativa “Juntos pela Europa” goza hoje em Augsburg. Com efeito, os representantes da Europa que estavam no encontro foram convidados para uma recepção no “Salão de Ouro” da prefeitura. O prefeito, Stefan Kiefer, ao recebê-los, salientou os numerosos pontos de contato e objetivos comuns que a rede tem com a cidade. Por ocasião de seu jubileu, a cidade colocou a prefeitura à disposição para o encontro, exprimindo assim sua estima e gratidão. Ao mesmo tempo, a presença de autoridades civis e religiosas demonstrou que a rede desenvolve uma importante função de “ponte” nas Igrejas e na sociedade. “Devemos tornar-nos cidadãos ativos, ter a coragem de defender os fracos, levantar a voz pela justiça”, foi o convite do senador tcheco Pavel Fischer.

A comovente conclusão, com uma oração ecumênica na igreja luterana de Sant’Ana e uma procissão de luzes na praça adjacente à igreja, lembrou a muitos as forças pacíficas que justamente no mesmo dia, 30 anos atrás, levaram à queda do muro de Berlim e a uma era nova, em uma Europa unida. Gerhard Proß, moderador da iniciativa, considerou o “fio de ouro” que coliga estes eventos e viu uma missão para o futuro: “Em tempo de distanciamento e tendência à demarcação queremos ser, com “Juntos pela Europa”, um sinal profético para uma convivência e uma colaboração críveis na Europa”. ■

Andrea Fleming



No Uruguai se aposta na paz

O centro “Nueva Vida”, dos Focolares, há 15 anos desenvolve uma importante ação social de apoio a crianças e suas famílias, num bairro da periferia de Montevideú. Uma conversa com Luis Mayobre, diretor do Centro.

“O motor do ‘Nueva Vida’ são os jovens, e esta ação social nos interpela e estimula a não perder de vista o mais importante, isto é, o amor mútuo que gostaríamos que fosse a única lei do nosso Centro”. Assim inicia Luis Mayobre, presidente do Centro desde quase o seu início, em 2004, quando o arcebispo de Montevideú pediu aos Focolares que continuassem a administrar uma obra social iniciada por uma religiosa num bairro de periferia da capital uruguaia. Nasceu assim “Nueva Vida”, cujos objetivos estão inscritos em seu próprio nome: abrir à esperança de um novo início todos aqueles que passam pelas portas do Centro. Este é parte da associação CO.DE.SO (Comunhão para o Desenvolvimento Social, instituída pelo Movimento) e colabora com o INAU, Instituto da Criança e do Adolescente, órgão público que gerencia as políticas para a infância e a adolescência no Uruguai.

“O ano de 2018 foi marcado por um clima de violência no bairro Borro – conta Mayobre -. Foram meses de angústia. Por causa das brigas entre duas famílias rivais, de narcotraficantes, qualquer pessoa arriscava a vida. A população, junto com os educadores e funcionários do Nueva Vida, enfrentou com coragem os constantes tiroteios, de dia e de noite. Tivemos que dobrar a nossa presença no Centro porque as famílias o solicitavam, muitas delas foram roubadas e tiveram suas pobres habitações ocupadas pelos traficantes”.

Como vocês se comportaram numa situação tão hostil?

“Procuramos o Ministério do Interior, mas como a resposta custava a chegar, precisamos acolher e proteger algumas famílias que, em seguida, direcionamos

aos serviços públicos de quem receberam novas casas. Uma dessas famílias – dois de seus filhos participam das atividades do centro juvenil – havia sido ameaçada de morte. A nossa coordenadora contatou uma filha do casal, mesmo se não era simples ter sua ajuda pois tinha uma relação problemática com os pais. No final tudo se resolveu da melhor maneira porque ela colocou à disposição parte de um terreno de sua propriedade para a construção de uma nova casa, mais digna e segura.

Lembro também de um caso de violência familiar que a nossa equipe acompanhou e que precisou da intervenção das autoridades para garantir a segurança das crianças e da mãe. Apesar de receber ameaças e insultos nós fomos adiante, consentindo à família reencontrar paz e segurança”.

A quem o Centro se dirige e quais serviços vocês oferecem?

“Levamos para frente três projetos: o CAIF, o Clube Crianças e o Centro Juvenil. Neste clima de violência nos propomos ser construtores de paz, de esperança e principalmente de alegria, para vencer o ódio e o medo. O ambiente favorável que se criou permitiu que 48 crianças entre 2 e 3 anos, e 60 ainda menores – de 0 a 2 anos – participassem de vários workshops junto com suas mães. Organizamos também excursões didáticas para criar espaços de beleza e harmonia. Foi uma experiência positiva, da qual participaram inclusive famílias, assim chamadas, “rivais”, e que permitiu que os relacionamentos melhorassem notavelmente.

No Clube Crianças cuidamos de 62 crianças em idade escolar (de 5 a 11 anos). Estamos atuando na luta contra o abandono escolar e trabalhamos para garantir que todos avancem para as classes seguintes. Atualmente apenas 5% das crianças abandona a escola, diante dos 36% de 2004. Incentivamos os workshops de arte, ⇨



música, recreação, para sensibilizar as crianças a desenvolverem os valores culturais da convivência, da atenção ao outro e para aprender a 'cultura da partilha'. E os ajudamos a excluir a violência dos estilos de comportamento. Além disso, as aulas de natação favorecem a aprendizagem do cuidado com o corpo e a higiene.

No Centro Juvenil recebemos 52 adolescentes e jovens, de 12 a 18 anos. Este ano cerca de 95% participa das atividades que desenvolvemos no contraturno escolar, uma meta que tínhamos desde o início. Entre eles há seis jovens que frequentam o ensino médio, um grande sucesso visto que no bairro a média não supera os primeiros anos de escola. Organizamos ainda cursos complementares para a formação deles, como manufatura de tecido, marcenaria e comunicação. Essas oficinas são conduzidas, de modo voluntário, por pessoas do Movimento dos Focolares”.

Qual é a relação do Centro com as outras associações que atuam nessa região?

“Com os anos foi construída uma rede com todas as instituições que trabalham no Borro, com quem colaboramos, em ajuda recíproca. Participamos inclusive da vida da paróquia, Nossa Senhora de Guadalupe. O pároco e um outro sacerdote, nos visitam uma vez por semana.

Com frequência chegam voluntários de outros países, como aconteceu este ano com Elisa Ranzi e Matteo Allione, italianos, que nos marcaram muito com sua presença. Agradecemos sempre a quem nos ajuda. A colaboração deles é muito importante para sustentar parte das atividades que desenvolvemos. Cada ajuda, por menor que seja, é preciosa”. ■

Stefania Tanesini

Palavras de Vida para 2020

- Janeiro: “Mostraram extraordinária gentileza para conosco.” (At 28,2)
- Fevereiro: “O pai do menino exclamou: ‘Eu creio, mas ajuda-me na minha falta de fé.’” (Mc 9,24).
- Março: “Tudo, portanto, quanto desejais que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles: isto é a Lei e os Profetas.” (Mt 7,12)
- Abril: “Bem-aventurados os que não viram, e creram!” (Jo 20,29)
- Maior: “Vós já estais limpos por causa da palavra que vos falei.” (Jo 15,3)
- Junho: “Quem vos recebe, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.” (Mt 10,40)
- Julho: “Todo aquele faz a vontade do meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.” (Mt 12,50)
- Agosto: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35)
- Setembro: “Dai e vos será dado. Uma medida boa, socada, sacudida e transbordante será colocada na dobra da vossa veste.” (Lc 6,38)
- Outubro: “Pois todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.” (Lc 14,11)
- Novembro: “Felizes os que choram, porque serão consolados.” (Mt 5,4)
- Dezembro: “O Senhor é minha luz e minha salvação; de quem terei medo?” (Sl 27,1)

Um verdadeiro capitão

A última saudação a Albert Dreston. No dia 30 de agosto de 2019, num dos últimos dias ensolarados de verão, Albert Dreston nos deixou, professor, teólogo, focolarino e protagonista, durante gerações, também do futebol de Loppiano, a cidadezinha internacional dos Focolares na Itália, onde viveu 52 anos.

A sua história, desde os primeiros anos de sua vida é tudo, menos simples. Nasce na Renânia em 1939 e aos seis anos de idade perde o pai durante a Segunda Guerra Mundial. Apesar da dor, entre as lágrimas, faz a primeira grande descoberta de Deus. “De improviso – conta – uma força e uma voz dentro de mim, como se Deus me dissesse: ‘Não estás órfão, sou eu o teu pai’. Desde aquele momento nunca mais me faltou o meu pai, nunca mais me senti sozinho”.

Em idade jovem, devem lhe extrair um rim e parece que não possa viver por muito tempo. Porém, como frequentemente acontece, o passo de quem está pronto a deixar tudo é também o primeiro em direção à revelação de um grande “tesouro”. Assim, em 1957 em Münster, num encontro com alguns focolarinos fica impressionado por “Jesus no meio, fruto do amor recíproco.” Aqui, a sua vida desemboca na estrada do Ideal que o ajudará a viver as tribulações e as aflições físicas com uma nova consciência. No ano seguinte, pe. Foresi e Chiara concordam que ele entre em focolare e, alguns anos mais tarde, é o próprio pe. Foresi que lhe comunica que, uma vez terminados os estudos de Antigo Testamento, iria lecionar em Loppiano, primeira Mariápolis permanente.

É o ano de 1967, Albert tem 28 anos, as condições físicas melhoram, em Loppiano o esporte é vivido como elemento imprescindível para a relação com os outros, a acolhida e o conhecimento recíproco. Neste cenário, começa para ele um período novo: jovem formador no meio de jovens de todo o mundo. Nos anos de serviço na cidadezinha nunca deixou de ser um ponto de referência. Ensinava na sala de aula e no campo esportivo, com a dedicação do apaixonado por futebol, a inteligência do mestre e o afeto do focolarino.

Certamente não se pode dizer que tenha sido um craque das jogadas refinadas e nem mesmo um grande goleador. Era algo mais. Nos últimos anos, ultrapassadas as 75 primaveras, podia acontecer que não sentisse vontade de jogar e, no entanto, você o encontrava lá, 30 minutos antes do horário marcado, acolhendo os jogadores e arrumando aquele mesmo campo que,



dali a poucos meses, terá como título o seu nome. Era algo mais, sim, defensor da grande cronometragem, numa única partida era capaz de ser o dono do campo, o treinador, o juiz, o bandeirinha, o líbero e sobretudo o diretor esportivo... porque antes de tudo se devia formar os times e ele, um par de bravos defensores (que fossem africanos, brasileiros ou asiáticos) sempre conseguia pegar para si.

Por tudo isto, Albert Dreston “era” o futebol em Loppiano, um verdadeiro capitão, porque companheiro de time de todos, até mesmo quando adversário. Uma autêntica... “lenda”.

Pronunciar o seu nome hoje, é abrir o grande livro do Movimento dos Focolares, rico de pessoas queridas, vidas preciosas. É se deter num capítulo de um homem que nas formas mais diferentes soube doar o seu tempo para ajudar os outros.

Nos últimos anos, alguém se perguntava se ainda podia jogar futebol, se não tinha chegado o momento de fazer uma partida de despedida, pendurar as chuteiras e encerrar em beleza esta história. Alguém tinha a coragem de lhe sussurrar isto com respeito. Ingênuos todos nós que tentamos. Albert, com obstinada e teutônica coerência respondia: “Eu passarei diretamente do campo esportivo para o campo santo.”

E, num certo sentido, assim foi. Ele se despediu de nós na sexta-feira. Como de costume, cronometragem perfeita: para as últimas convocações às vésperas do match, para formar os times e continuar a dar o tiro de meta... entre os campos Elísios. Bom paraíso futebolístico, capitão... e obrigado! ■

Andrea Cardinali



Evangelho vivido

Louça para lavar

Depois de uma festa da paróquia organizada para dar uma refeição quente aos mendigos, eu estava no meio de uma bagunça de restos, panelas e louça suja. Na cozinha, o pároco já estava lavando a louça, feliz com a noite. Tocado pela sua frase, “tudo é oração”, lhe perguntei: “até mesmo lavar a louça?”, e ele: “o maior tesouro é entender que tudo tem um valor imenso porque por trás daquela panela, há um irmão que precisa de mim”. Desde aquele momento, meu trabalho pesado de pedreiro, levar os filhos à escola, consertar o lustre... tudo se tornou uma ocasião para tornar a ação sublime e sagrada.

G.F. – Itália

Membros do Movimento que concluíram a sua vida terrena:

20 de outubro de 2019 Brian Mills - focolarino casado da Austrália
23 de outubro de 2019 Bruno Beggiano - sacerdote focolarino da Itália
3 de novembro de 2019 José Adolfo Monteiro - focolarino casado do Brasil
6 de novembro de 2019 Aurelio Soto Duque - focolarino da Colômbia
8 de novembro de 2019 Bruno Roscioli - diácono permanente focolarino
11 de novembro de 2019 Egeo Marsilii - focolarino casado da Itália
13 de novembro de 2019 Linette Geisseler - focolarina suíça
14 de novembro de 2019 Mariele Quartana - focolarina casada da Mariápolis Romana (Itália)
19 de novembro de 2019 Claude Gamble - Focolarino francês na Mariápolis romana
22 de novembro de 2019 Maria del Rosario (Charito) Vindel - focolarina da Espanha
25 de novembro de 2019 Filippo Casale - focolarino da Itália
27 de novembro de 2019 Gian Piero Marongiu - focolarino casado da Itália
28 de novembro de 2019 Domenico Panetta - sacerdote focolarino da Itália
28 de novembro de 2019 Giacomino Demartis - focolarino casado da Itália
8 de dezembro de 2019 John Maria Doherty - sacerdote focolarino da Escócia
8 de dezembro de 2019 Renzo Puccetti - focolarino de Loppiano (Itália)

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

Prezados leitores, este noticiário em formato Pdf, que pode ser impresso, reúne os artigos mais importantes publicados na seção “Mariápolis” do site internacional do Movimento dos Focolares (www.focolare.org/mariapoli).

Vocês poderão baixá-lo do site ou receber por e-mail ativando a respectiva notificação.

*É um serviço **gratuito** do Departamento de Comunicação. Mas somos sempre gratos a quantos quiserem continuar a sustentar, inclusive economicamente, o nosso trabalho, contribuindo também assim para a difusão do Carisma da unidade.*

A redação

A ajuda econômica pode ser enviada por transferência bancária na conta corrente:

PAFOM – Noticiário Mariápolis
Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi
IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921
BIC: UNCRITM1404

O presente Noticiário Mariápolis em formato Pdf é uma seleção de notícias publicadas no site do Movimento dos Focolares - P.A.F.O.M. www.focolare.org/pt/mariapoli/

© Todos os direitos reservados